

A INTERRELAÇÃO ENTRE FALA, LEITURA E ESCRITA EM DUAS CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN

Carla Salati Almeida Ghirello-Pires
(UESB)

RESUMO:

Este trabalho é uma análise longitudinal da relação linguagem oral/escrita de duas crianças Síndrome de Down com ênfase no papel do interlocutor para a autonomia da fala/linguagem. A escrita funcionou como sustentação da materialidade da fala e como uma nova possibilidade de linguagem. O trabalho se ancora na Neurolinguística Discursiva com análise baseada no conceito de *dado-achado*. Os sujeitos apresentavam diferenças em relação à oralidade e discrepância em relação à fala e seu funcionamento e os processos intermediários de significação para domínio do sistema alfabético estendeu-se por tempo maior, no entanto apresentaram autonomia da escrita, pela mediação do adulto.

PALAVRAS-CHAVE: Síndrome de Down; Linguagem; Mediador.

INTRODUÇÃO

A presença da síndrome de Down (SD) no nascimento do indivíduo, trás um silencio constrangedor. A identificação que se estabelece do recém nascido é hegemônica da síndrome. O que é visto são as características fenotípicas e tais indivíduos passam a ser reconhecidos por aquilo que *portam*, pelos sinais característicos da SD. Sem distinção, profissionais, leigos, livros, artigos científicos, priorizam a síndrome.

Nas pesquisadas sobre SD a linguagem é considerada a área que apresenta os maiores atrasos. Para Chapman (1977); Miller (1996); Hostmeier (1995) isto se observa pelo fato dessas crianças apresentarem-se severamente deficientes. Tal percepção é coerente com uma visão organicista desconsiderando questões do ponto de vista da

relação que esses indivíduos estabelecem com a linguagem, sobretudo com a fala.

Diferentemente, a Neurolinguística Descritiva (ND) é pautada por uma concepção histórica e social de linguagem, que a concebe como de natureza indeterminada e heterogênea, pelo qual o homem organiza e dá forma a suas experiências, uma atividade do sujeito que se constitui a cada momento (FRANCHI, 1977). Da abordagem histórico-cultural a ND partilha a visão de Vygotsky (1997) na qual as funções culturais da linguagem, definem a especificidade humana. Esta pesquisa apresenta e analisa o acompanhamento fonoaudiológico longitudinal de duas crianças com Síndrome de Down onde buscou-se privilegiar a relação que se estabelece entre linguagem oral e escrita no início da entrada da criança para o mundo das letras (COUDRY, 2010).

MATERIAL E MÉTODOS

Os sujeitos da pesquisa foram duas crianças com SD: ML e AM. ML atendida desde 1998 e AM desde 2001, contando três e seis anos, respectivamente. Em 2003, ML e AM, foram atendidas em grupo

* Docente do Departamento de Estudos Linguísticos e Literário (Dell) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb) e Doutora em Linguística/Neurolinguística pelo Instituto de Estudos Linguístico (IEL) da Unicamp

ampliando as interações com outras crianças e adultos. Em 2007 o trabalho passou a ser feito individualmente. AL, irmã de AM, fez parte do grupo, pelo interesse nas atividades e pela interação verbal com AM. Os encontros aconteceram duas vezes por semana com duração de uma hora e meia sendo feitos pela pesquisadora, identificada por Icp e por alunas estagiárias de clínica escola de Fonoaudiologia. A coleta de dados foi feita a partir da utilização de situações reais vividas pelas crianças, a fim de que elas pudessem se envolver nas interações de que participavam. Para que os sujeitos percebessem a importância de que sua fala deveria conter constituintes indispensáveis para a compreensão do outro, a pesquisadora começou a escrever seus relatos

criando uma materialidade (escrita) para o que falavam. A escrita da pesquisadora foi utilizada para dar forma e visibilidade à fala materializando para as crianças algo que até então não era possível de se visualizar, ou seja, o que faltava em sua(s) fala(s). Para isto elas organizavam em conjunto com a terapeuta, e com o grupo, o que deveria ser escrito. Esta atividade levou a organização e elaboração dialógica com a terapeuta, ou seja, elas teriam que encontrar uma forma de o texto ganhar organização e visibilidade para que todos o entendessem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

ML e MA apresentaram ao longo destes anos algumas conquistas. Na produção oral ML passou do jargão entonativo, aos três anos, a produção de todo o inventário fonético e sua utilização fonológica, com pouquíssimas estratégias de reparo, aos sete anos. Aos seis/sete anos algumas inadequações quanto ao manejo dos eixos sintagmático e paradigmático, ao nível de seleção, que também ocorre com outras crianças em fase inicial de aquisição de linguagem, organizados ao longo da relação com o outro. A entrada na escrita se deu ao mesmo tempo em que ampliava sua oralidade nas práticas discursivas, decorrente do movimento da terapeuta de escrever para ela, organizando em conjunto o seu discurso. Este fato favoreceu ML em sua organização para a escrita. Isto foi observado desde as suas primeiras produções escritas sempre apresentadas em forma de texto e não em palavras isoladas ou frases soltas. ML avançou em suas produções também no domínio de estruturas silábicas mais complexas como CCV e CVC. Nos anos 2004 e 2005 ocorreram as maiores mudanças relacionadas às questões de organização e estrutura do texto, estrutura da sílaba e segmentação e a partir de 2005, maior avanço nos aspectos relacionados ao discurso e sua autonomia. ML demonstra autonomia em sua produção oral e escrita conseguindo

organizar, de forma independente, sua produção oral e seu texto escrito. Omite elementos na escrita com frequência menor do que no início, solicita a presença do adulto para ajudá-la na organização do texto. ML apresenta uma atitude mais autônoma e crítica, sabe o que quer contar e sabe como fazê-lo, discute a melhor maneira de apresentar o texto.

AM apresentava fala resumida, não sabia relatar suas vivências e nem estava inserida em práticas de escrita. Foi desdobrando sua fala, por meio da fala, leitura e escrita da investigadora, sua interlocutora. AM aos poucos aprendeu a organizar seu pensamento. Isto é evidenciado quando AM começa a escrever, pois começa a apresentar em sua escrita, elementos que não estavam presentes em sua fala como preposições, artigos, e outros. Estes elementos retornam à sua fala que se apresentou mais elaborada na questão da sintaxe, nas estruturas silábicas mais complexas, ataque ramificado e coda, embora ainda se apresente reduzida. Demonstra preocupação com o interlocutor que no início não existia. As reflexões e avanços de AM ocorreram na escrita, nos anos de 2006 e 2007, quando começa a apresentar autonomia escrevendo mais, expandindo sua sintaxe e demonstrando suas hipóteses sobre a estrutura interna da sílaba.

CONCLUSÕES

Conclui-se que os caminhos pelos quais as duas crianças com SD percorreram não se diferenciam muito do caminho de outras crianças, no sentido de sua progressão. A diferença reside mais no ritmo: as crianças com SD progridem mais lentamente. Isso indica que a relação entre estados normais e patológicos, estados marcados por alterações, orgânicas e/ou funcionais, em que a linguagem está envolvida, apresenta semelhanças e diferenças.

REFERÊNCIAS

CHAPMAN, R. S. Desenvolvimento da linguagem em crianças e adolescentes com SD. In: FLETCHER, P.; WHINNEY, B. M. **Compêndio da linguagem da criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1977.

COUDRY Maria Irma Hadler. **Relatório do projeto integrado em neurolinguística**: avaliação e banco de dados. Projeto n 521773/95-4, 2010.

FRANCHI, C. Linguagem : atividade constitutiva. **Cad.Est.Ling.** (22), p. 9-39, 1977/1992.

HORSTMEIER, D. A. **But I don't understand you: the communications interetions of yong and adults with Down .Syndrome**: transition from adolescent to adulthood. Baltimore: Paul H. Brookes Publishing, 1987.

MILLER, Jon F. Language and comunication characteristics of Down syndrome, In: PUESCHEL, S. M. **New Perspectives on Down Syndrome**. London: Paulh Brookes Publishing, 1987.

VYGOTSKY, Lev Semiónovic. **Obras escogidas**: fundamentos de defectología. Madrid: Visor, 1997.